

O Etno-desporto indígena: entre noções, significados e práticas de um campo científico em movimento

*Indigenous ethno-sport: between notions,
meanings and practices of a scientific field
on the move*

*Etno-deporte indígena: entre nociones,
significados y prácticas de um campo científico
em movimento*

José Ronaldo Mendonça Fassheber

Universidade Estadual do Paraná (Campus Paranaguá)

In memoriam

Liliane da Costa Freitag

Universidade Estadual do Paraná (Campus Paranaguá)

liliane.freitag@unespar.edu.br

Resumo: O Etno-desporto e por extensão, as variadas práticas do etno-esporte indígena, compreende um universo de significados. Quer seja no campo conceitual, no cotidiano das práticas corporais ou nos espaços construídos para ‘esse praticar’ socialmente o corpo e significar suas tradições. A compreensão do amplo conjunto de práticas corporais é maior que qualquer nome ou conceito. É disso sobre isso que indagamos nesse texto. Considerar o ‘lugar social’ e o tempo específico em que se forja o etno-esporte, como sendo

parte da vida social dos povos indígenas e, cujos Kaingang, me ajudaram a olhar, será o eterno desafio para nós, cientistas. O contexto, as negociações, tensões, novos arranjos do etno-esporte devem ser considerados quando ousamos refletir sobre suas práticas. Esse texto objetivou retomar o conceito Etno-Deporto, forjado na tese (2006) entendendo-o como um campo consolidado, porém em movimento, expansão e ascensão.

Palavras-chave: Etno-Desporto. Práticas culturais. Jogos tradicionais. Mimesis. Campo científico.

Abstract: Ethno-sport and, by extension, the varied practices of indigenous ethno-sport, encompass a universe of meanings. Whether in the conceptual field, in everyday bodily practices or in the spaces built for socially 'practicing' the body and signifying its traditions. Understanding the wide range of bodily practices is greater than any name or concept. This is what we are asking about in this text. Considering the 'social place' and the specific time in which ethno-sport is forged as part of the social life of indigenous peoples, whose Kaingang helped me to look at, will be an eternal challenge for us scientists. The context, negotiations, tensions and new arrangements of ethno-sport must be taken into account when we dare to reflect on its practices. The aim of this text is to take up the concept of Ethno-Deport, forged in the thesis (2006), understanding it as a consolidated field, but one that is still moving, expanding and on the rise.

Keywords: Ethno-sports. Cultural practices. Traditional games. Mimesis. Scientific field.

Resumén. El etno-deporte y, por extensión, las variadas prácticas del etno-deporte indígena, abarcan un universo de significados. Ya sea en el campo conceptual, en las prácticas corporales cotidianas o en los espacios construidos para "practicar" socialmente el cuerpo y significar sus tradiciones. La comprensión del amplio abanico de prácticas corporales es superior a cualquier nombre o concepto. Esto es lo que nos planteamos en este texto. Considerar el "lugar social" y el tiempo

concreto en el que se forja el etno-deporte, como parte de la vida social de los pueblos indígenas a los que Kaingang me ayudó a mirar, será el eterno reto para nosotros, los científicos. El contexto, las negociaciones, las tensiones y los nuevos arreglos del etno-deporte deben tenerse en cuenta cuando nos atrevemos a reflexionar sobre sus prácticas. El objetivo de este texto es retomar el concepto de Etno-Deporte, forjado en la tesis (2006), entendiéndolo como un campo consolidado, pero aún en movimiento, expansión y auge.

Palabras clave: Etnodeportes. Prácticas culturales. Juegos tradicionales. Mímesis. Ámbito científico

Introdução: ‘praticando o olhar’

Etnologia, etnografia, etnohistória, etnociências, etnobotânica, etnomedicina, etnofarmacologia, etnomatemática, etnoastronomia, etnofotografia. Etnoesporte. Tantos termos científicos tomaram para si o termo “etno” para tentar explicar as relações de povos nativos e originários com seus conhecimentos tradicionais. Por outro lado, os cientistas buscam estabelecer paralelos e complementos entre as teorias científicas modernas e os etnosaberes de comunidades muito particulares e distantes.

Geralmente, nos lembramos mais de mencionar estas terminologias do que seus fundadores. O aspecto positivo é que podemos entender que os campos criados nos estudos étnicos são mais importantes e definitivos do que seus possíveis formuladores. Também é possível admitir que uma mesma ideia sobre um tema conceitual possa surgir em mais de uma parte do mundo, ora com formulações convergentes, ora divergentes pelo menos em parte. E sem que se conheçam ou tenham passado pelas mesmas experiências prévias, mas com semelhantes conclusões. O pensamento lógico é recorrente e paralelo sobre diversos temas e os temas são mais finitos que o pensamento humano.

O aspecto negativo decorre do fato que apenas uma parte específica do mundo se considera capaz de formular as teorias. A compreensão sobre a exclusividade científica, chamada de colonialismo e de eurocentrismo ainda resiste após os mais de quinhentos anos das navegações transcontinentais terem atingido em cheio todas as partes do mundo. Levaram e trouxeram a mão pesada da cruz e do arcabuz, mas também se dedicaram a espalhar suas instituições administrativas de estado e as científicas.

Em outras palavras, é lícito dizer que a maior parte das ciências e universidades nasceram nos lugares mais distantes após o processo de colonização mundial. Diria Lévi-Strauss, o que as sociedades não ocidentais reclamam não é o fato de estarem se ocidentalizando, mas a velocidade – lenta – como isso ocorre. Também é lícito dizer que cabeças pensantes

surgiram em todas as partes do mundo, embora só se legitime os pensamentos oriundos do Norte. O Sul reclama sua descolonização – e do pensamento mais do que das instituições. Afinal das contas, a Europa não seria o que é sem a espoliação dos recursos naturais de suas colônias ao sul.

Voltemos ao conceito de etnoesporte que encontra hoje boas traduções em diversas línguas. Quando eu (Fasseber, 2006) formulei o conceito de etno-esporte (Fasseber, 2006), a palavra composta já existia em outras mentes e possivelmente em muitos idiomas. O termo me foi soprado de modo quase informal e alguns anos antes de conceituá-lo pelo cientista político e amigo, Dr. Raul Francisco Magalhães, da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Anos mais tarde, eu descobri que o termo havia sido proposto pelo antropólogo Luiz Henrique Toledo da Universidade Federal de São Carlos/SP (Toledo, 2001) e se referia ao tipo de pesquisa com esportes em povos indígenas desenvolvido por autores como Vianna, Vinha e por mim mesmo.

Em 2012, Dr. Andrey Kylasov elabora uma brilhante tese (veremos mais adiante) cuja tradução ele deu em inglês *ethnosport*. É pouco provável que ele conhecesse as obras desenvolvidas no Brasil ou que pudesse supor a existência do termo *etnodesporto*, mas como dissemos, se os temas do mundo são finitos, ainda que imensos, o pensamento infinito pode levar diferentes pensadores a forjar terminologias semelhantes, mas conceituadas segundo as observações específicas de cada pesquisador. E, longe de serem plagiadas, essas terminologias são possíveis na abstração aqui e ali e, tanto melhor, podem ser complementadas. Esse incremento conceituá-la partir de uma mesma terminologia, com suas convergências e suas divergências, faz bem ao próprio termo e à ciência que o propõe e a torna maior que seus proponentes, sem apagá-los e alça voos mais amplos no tempo e no espaço. Afinal, a prática notória e observável das práticas corporais é maior que qualquer nome. E dentre os nomes possíveis, o termo *etnoesporte* se mostra bastante promissor para uma multiplicidade de contextos.

Todavia, é preciso entender que o conceito de etnoesporte é salutarmente incompleto, remetendo-se a muitas outras possibilidades de pesquisas que o complementem. E não é um termo unívoco nem único. Outras terminologias já se dispunham antes e cuja amplitude de estudos é infinitamente maior e mais ancestral: os denominados jogos e esportes tradicionais e suas traduções idiomáticas e pictóricas ao longo de milênios.

Contudo, o interesse acadêmico sobre como os povos tradicionais e originários se divertiam e ocupavam parte de sua vida social com jogos e esportes tradicionais é relativamente recente. Algumas tradições históricas e antropológicas pós-iluministas trouxeram produções esparsas do ponto de vista científico. Mas é possível dizer que a grande quantidade de pesquisas em diversos campos pertence ao tempo recente. Instituições de pesquisa, instituições educativas e instituições promotoras – essas as mais antigas – reconheceram a importância de estudar, ensinar e demonstrar jogos e esportes ditos tradicionais em todas as partes do mundo.

Em outras palavras, por um lado, as práticas antecedem as institucionalizações que transformam e reinventam essas “tradições” em cada experiência. Por outro lado, a introdução dos esportes modernos em comunidades tradicionais pode se resignificar – via mimesis – em novas e ímpares identidades comunais. Eis o que definimos por Etno-esporte e por sua vez sua variável: o Etno-Desporto.

Meu olhar é de fora e por isso mesmo vale retomar os ensinamentos de Geertz. Para Clifford Geertz (2001, p. 66), os antropólogos foram os primeiros a “insistir em que vemos as vidas dos outros através das lentes que nós próprios polimos e que outros nos vêem através das deles”. Assim sendo, meu olhar como os demais segue limitado pela brecha entre o familiar “nós” e o exótico “eles”. Esse é o desafio e ao mesmo tempo um obstáculo fundamental para a compreensão significativa do Outro, obstáculo que só pode ser superado mediante algum tipo de participação no mundo do Outro.

Assim sendo, busquei conceituar o Etno-Desporto – reconhecendo as identidades corporais relacionadas às identidades do Desporto.

O Etno-esporte é uma prática ou um conjunto de práticas sociais multifacetado que encontra – tanto nos chamados Jogos Tradicionais, quanto nos espaços das aldeias enquanto práticas identitárias, prática essa, que se ressignifica quer seja na dinâmica de cada grupo, quer seja pela reincorporação de jogos e práticas corporais de outrem. Fasseber [2006]. E, muito embora, a aldeia seja por excelência um lugar simbólico para o exercício de suas identidades por meio do etno-esporte, sabemos que as identidades, são um produto social e, portanto, que se reinventa, assim como se reinventam as tradições. A noção de etno-esporte, conforme destaquei em 2006 não pode ser vista, portanto, separada desse amplo processo.

Por extensão, o Etno-Desporto, se revela nas diferentes ‘formas do fazer’ e do construir corpos singulares, mas também coletivos e politicamente orientados: como por exemplo caso da territorialidade, das identidades étnicas, das paisagens, dos corpos com gêneros, cores e historicidade.

Foi dentro dessa gama de possibilidades que introduzimos o Etno-Desporto indígena como objeto. Mas se por um lado, o Etno-esporte envolve tanto as práticas tradicionais legitimadas socialmente por cada etnia, é necessário destacar a dinâmica das culturas e por consequência a dinâmica das tradições.

A tradição, tema esse, que vem ganhando espaço não só nas ciências sociais como também na história foi debatido por Eric Hobsbawm (1997). Ao estudar o mundo contemporâneo, Hobsbawm utiliza o conceito de tradições inventadas para todo um coletivo de práticas, simbólicas e rituais enredadas por regras que são aceitas pelo grupo que as reconhece como legítimas. Essas tradições inventadas desenvolvem valores e normas de comportamento, pela repetição de práticas que supostamente aconteciam

nesse mesmo passado. A repetição dessas práticas visa certa continuidade do passado.

Porém, a repetição, também é um rearranjo da prática e, portanto, é externa ao indivíduo a medida em que o sujeito nasce e a absorve ao longo de sua existência no grupo. Nesse caso, o Etno-esporte (quer seja aquele praticado nas aldeias ou nas arenas dos Jogos dos Povos Tradicionais) dá significados as suas identidades sociais, ainda que esse último, em grande medida seja objeto de espetacularização.

Ousamos dizer que ocorre nesses diversos espaços onde o Etno-esporte é praticado se opera uma costura entre os tempos da história, conforme nos ensina Kosselleck (2006). Há em cada jogo praticado, 'memórias em jogo'. Nisso tudo a memória é uma importante noção que liga o Etno-esporte a história de cada povo. Espaço de experiência e horizonte de expectativa são noções que podem traduzir o significado do que estamos falando.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, [...] além disso, na experiência [...], nossas experiências se conservam como sendo também uma experiência alheia. [...] (Kosselleck, 2006. p. 310 e 311)

Já o espaço de experiência é em um sentido geral, uma categoria que reúne valores, sinais, simbologias, práticas e demais gestos correlatos ao passado que, por diferentes razões permanecem ou são visibilizadas no presente. A visibilização ou re-visibilização se dá de forma re-significada: marcada no presente de forma (consciente ou inconscientemente) mantida e reelaborada conforme nossas circunstâncias.

É com base nisso que as práticas da tradição, ou as tradições praticadas acionam os tempos e nossas histórias: passado é "passado presente" e futuro é "futuro presente". Por meio do Etno-esporte, a memória se reproduz e se ancora: presente e passado se desdobram

determinados pelo encontro das temporalidades (passado – presente – futuro) e ao mesmo tempo produz a mediação entre passado e o futuro. Há um presente, uma dada origem histórica e um futuro que busca no presente sua legitimidade em relação a um passado.

Mas se por um lado as tradições são dinâmicas pela própria natureza das nossas práticas, por outro o contato entre os povos originários com o Estado colonial, alcançou um resultado sem precedentes quer seja pelo apagamento dos primeiros, pelas suas estratégias de resistência, mas também pela capacidade mimética que ambas as culturas possuíam e possuem de se reinventar e se atualizar.

A mimesis, essa capacidade de criação subjetiva, que realça o caráter inovador da subjetividade, ou seja, não mais no sentido restrito platônico, ocorre tanto no chão da aldeia, na mimesis dos esportes modernos (Taussig, 1993), nos espaços modelares e nos espaços de memória, conforme nos ensinou Nora, e portanto, carregados de carga valorativa. (Fassheber, Freitag, 2011).

Vale lembrar que esse processo mimético foi debatido nos capítulos III e IV por ocasião da publicação do livro Etno - desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang, sobretudo quando foi analisado o esporte das aldeias, principalmente pela introdução do Futebol entre as populações indígenas e em particular entre os Kaingang – processo que substituiu os seus jogos tradicionais, coisificados e adjetivados como “bárbaros”, pelos ditos “civilizados” jogos com regras que estabelecem o controle das emoções e das práticas corporais envolvidas nesses jogos.

Nessa direção é importante retomar agora à noção mimesis e sua relação direta a construção do Etno-Desporto, conceito esse que internaliza a ideia de que “os comportamentos são geradores de outros comportamentos, i.e., de “Outros comportamentos, como Taussig (1993) definiu a Faculdade Mimética: a natureza que as culturas usam para criar uma “segunda natureza”, a faculdade da cópia, a imitação, os modelos produzidos, a exploração da diferença, submeter-se ao e tornar-se o outro.

A maravilha da mimesis consiste na cópia retratada no caráter e no poder do original, para o ponto em que as representações podem sempre assumir este caráter e este poder. Essa é a magia simpática (que Taussig inspira de Frazer) necessária para o processo de conhecimento como para a construção e a subsequente “naturalização” das identidades. (Fassheber, 2010, p. 93)

O Etno-Desporto indígena, a despeito dos avanços e debates que decorreram a partir da defesa da tese e sobretudo desde a publicação do livro, como segue ainda no presente;

fundamentado na possibilidade de as culturas adaptarem e transformarem suas próprias tradições e adaptarem e transformarem as tradições advindas do contato. Mais que adaptar e transformar, o Etno-Desporto expressa o processo de ressignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos: a criação – pela mimesis. (Fassheber, 2010, p. 87)

A mimesis ou faculdade mimética atua e opera sentidos e práticas: nas relações sociais dinâmicas – quer sejam na estrutura e arranjo das práticas desportivas individuais e das equipes, nos torneios dentro das aldeias, entre aldeias, no contexto das regras dos Jogos dos Povos Indígenas, nas torcidas, nas negociações e até mesmo nas rivalidades constitutivas do campo das identidades.

Dessa forma, sem sobra de dúvidas, a mimesis baliza um corpo físico através das marcas de cultura impressas pelas teias de significados que os sujeitos - pertencentes ao um ‘corpo social’, - traceja. Em outras palavras, os esportes – ie. O Etno-desporto não apenas são copias, “ao contrário, sobre eles recaem as construções corporais específicas de cada sociedade. (Idem)

Esse efeito mimético do esporte permitiu a adesão dos indígenas e em particular, como já estudado, dos Kaingang criando se Etno-Desporto. A mimesis, sem sobra de dúvidas pode ser vista, portanto, em diversos lugares: como por exemplo nos “Jogos dos Povos Indígenas” e nas suas mais

diversas e variadas formas globais, regionais e locais de expressão. Esses momentos de manifestação mimética se estabelecem entre experiência (inclusive estética), envolto pela sincronia, entre um dado momento específico e pela diacronia – entrelaçamento de tempos presente, passado e futuro, conforme já dissemos anteriormente. O enlace entre os tempos é dado pela cultura e pelo seu caráter dinâmico: culturas indígenas não são rochas inabaláveis e estáticas, são rochas em movimento.

Origem dos jogos

Durkheim talvez estivesse no caminho certo no estudo das religiões nativas do mundo e cujo aparecimento remonta o final do pleistoceno. Em “As formas elementares da vida religiosa”, o autor dessa densa obra se debruçou sobre os rituais australianos a partir de documentos produzidos por diversos etnógrafos e administradores coloniais sobre tais populações para explicar que as origens da religião se dão pela separação entre sagrado e profano.]Suas considerações puderam ir além do continente oceânico para ser pensado sobre muitas outras formas de religiosidades, ancestrais ou modernas, mais distante ou bem perto de nossas realidades e do nosso tempo presente.

Para ele, jogos e recreações, incluindo as danças, foram incorporados ao espírito religioso, funcionando como uma forma de distensão contra os rigores da vida religiosa. Durkheim (1996, p. 413 e 414) compreende que os jogos têm sua origem nas representações do ritual religioso e que o próprio culto é uma espécie de ritual de recreação. Segundo ele, “as representações rituais põe em evidência um importante elemento da religião: o elemento recreativo e o estético”. Podemos dizer, com este autor, que os jogos tradicionais carregam consigo o aspecto recreativo cujas representações para Durkheim (1996, p. 414) “estranhas a todo fim utilitário, fazem homens esquecerem o mundo real, transpondo-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade. Elas distraem. Tem

inclusive o aspecto exterior de uma recreação: os assistentes riem e se divertem abertamente.”.

Mas religião não é o jogo, embora possamos considerar ambos como fatos sociais. Lévi-Strauss (1997, p. 46) também percebe as relações e as diferenças entre jogo e rito: “todo jogo se define pelo conjunto de suas regras, que tornam possível um número praticamente ilimitado de partidas; mas o rito, que também se ‘joga’, parece-se mais com uma partida privilegiada, retida entre todas as possíveis, pois apenas ela resulta em um certo equilíbrio entre dois campos”. Segundo ele, as diferenças entre jogo e rito são estruturais. Ele analisa alguns rituais fúnebres para tecer estas relações:

O jogo aparece [...] como *disjuntivo*: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre os jogadores individuais ou das equipes, que nada indicaria, previamente, como desiguais. Entretanto, no fim da partida, eles se distinguirão em ganhadores e perdedores. De maneira simétrica e inversa, o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união (...). No caso do jogo, a simetria é pré-ordenada; ela é estrutural, pois decorre do princípio de que as regras são as mesmas para os dois campos. Já a assimetria é engendrada: decorre inevitavelmente da contingência dos fatos, dependam estes da intenção, do acaso ou do talento. No caso do ritual, ocorre o inverso: coloca-se uma assimetria preconcebida e postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados etc., e o ‘jogo’ consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, através de fatos cuja natureza e ordenação têm um caráter verdadeiramente estrutural (Lévy-Strauss, 1997, p. 48).

É lícito pensar com os autores que embora tenham estratégias e finalidades opostas, ritual e suas distensões – jogos, danças, recreações – são complementares e intercambiáveis. Afinal, existem rituais nos jogos que são mais ou menos sacralizados. E nos rituais sagrados podem conter distensões que entendam que recrearem é religarem. Para Durkheim (1996, p. 416). a relação entre rito e recreação ocorre em seus elementos

constitutivos onde a vida religiosa concede espaços e tempos às atividades recreativas: “a religião não seria o que é se não concedesse um lugar às livres manifestações do pensamento e da atividade, ao jogo, à arte, a tudo o que diverte o espírito fatigado com o que há de sujeição excessiva no trabalho cotidiano. Também é lícito admitir que existem rituais nos jogos tradicionais e inventados que são mais ou menos sacralizados. Constitui-se um tipo ideal...

Há, no entanto, limites e potencialidades explicativas dessa noção Weberiana enquanto uma categoria metodológica para o aprofundamento desse tema. Mas essa é uma tarefa que deverá ser enfrentada por novos pesquisadores do Etno-Desporto. Por hora chamamos a atenção para o fato de que toda análise deve levar em consideração o papel que o conceito ‘tipo ideal’ confere ao sentido e ao significado das ações, i. e quando se trata de explicar condutas, certos atos só podem ser explicados por terem sentidos e significados.

Em relação a isso, Weber chama a atenção a diferentes investigações que podem ser feitas visando os sentidos, da conduta de certos agentes, ou seja de suas ações em um dado contexto: e um aquele veem conta o sentido atribuído pelo pesquisador; e outra que leve em conta o sentido atribuído pelos próprios agentes às suas condutas. Em outras palavras, não há uma mera explicação causal para o entendimento das nossas práticas. Mas sim, um constructo a partir do qual uma dada realidade pode ser percebida e significada. (Weber, 2012)

Mesmo fora de seus contextos sagrados, para serem mirados por si mesmos e por outros em ambientes expositores e até mesmo nos espaços escolares, ainda assim é possível perceber que as formas de jogar e recrear são carregadas de sortilégios, economias corporais e outros ritos de preparação e execução: ou seja, sentidos e significados. Inclusive na influência mútua rotineira do dia a dia, quando se exerce o poder simbólico e, em determinados momentos, quando o jogo é um espaço de luta por posições de poder ou pela imposição de ideias desvenda o poder, tornando-

o manifesto e revelado, ou seja, inconscientes e subliminares, sob a forma do poder simbólico como nos ensina Bourdieu (1989).

E nos rituais sagrados podem conter distensões que entendam que recrearem é religarem. As novas religiões sabem que modernamente seus cultos carregam mais músicas, danças, êxtases como parte fundamental do que concebem por religião – no sentido estrito do religar.

Entretanto, essas manifestações não são livres nem espontâneas, são, ao contrário, institucionalizadas e moralizadas para que se garanta a possibilidade de sua conjunção final. Isso ocorre não apenas pelos aspectos conjuntivos dos rituais, de certo prazer em serem iguais ao final, mas também por mirarem a sociedade como espaço de suas próprias afirmações identitárias “tradicionais”. Pois que temos nesses espaços de repetição ritual ou do jogo, mostrar-se como possibilidade social e cultural.

Ou seja, que se usem os espaços, os tecidos, as amplificações, os televisionamentos e toda a organização não tradicional sobre jogos tradicionais. Que se use a promoção e financiamento das instituições para promover modernamente o “tradicional”. Pois que mesmo parecendo tradição inventada, constitui-se em espaços de sociabilidade. Ou seja, esses espaços servem para os povos tradicionais serem vistos por nós, espectadores e servem também para eles se verem como imagem modelar de suas ancestralidades, ainda que ressignificadas no tempo.

Estudos em Jogos tradicionais ameríndios

A diversidade de jogos praticados pelos ameríndios é ainda pouco mensurada. Mesmo para elementos comuns – o arco e flecha, seu aprendizado e treinamento pelos meninos para a caça e para a guerra parecem ser o melhor exemplo – as formas de utilização, os espaços, os tempos e os significados traduzem uma diversidade ainda por ser relatada.

Infelizmente, a literatura disposta não é das mais ricas em dados etnográficos.

Em todo o mundo, parece que os cientistas sociais negligenciaram por muito tempo as descrições das práticas de jogos tradicionais, principalmente no Brasil. Tais práticas talvez não fossem vistas como elemento de análise ante os temas mais clássicos dentro da etnologia como religião, parentesco etc. A falta de dados é notada por Renson:

When examining the available sources on traditional games in South America, it appears that scientific sources related to this subject matter are widely dispersed. Several Games are sporadically cited in a broader context but, in most case, the authors restrict themselves to mention some Indian Games without any further explanation. (Renson, 1992, p. 11).¹

Mas voltemos ao estado da arte no tempo presente: Só mais recentemente é que o tema Jogos Indígenas tem ganhado relevância nas Ciências Sociais. Até o final dos anos 1960, a sociologia dos esportes era precária em termos de publicações com análises do fenômeno do esporte na sociedade. Renson (1992) afirma que é apenas nas quatro últimas décadas que a pesquisa antropológica sobre jogos e esportes têm experimentado seu impulso.

O inventário seria enorme se houvesse uma quantidade maior de publicações no Brasil. Mas nos Estados Unidos, no Canadá, na Europa e em outras partes do mundo a produção adquire mais intensidade do que em nossas Ciências Sociais e no campo da Educação Física. O pesquisador americano Stewart Culin (1975), em 1903, fez a primeira classificação dos jogos tradicionais indígenas da América do Norte dividindo-os em duas grandes classes:

¹ Quando se examinam as fontes disponíveis sobre jogos tradicionais na América do Sul, parece que as fontes científicas relacionadas a este tema estão bastante dispersas. Vários jogos são esporadicamente citados em um contexto mais amplo, mas, na maioria dos casos, os autores se atêm a mencionar alguns "Jogos Indígenas" sem maiores explicações.

I, games of chance; II, games of dexterity. Games of pure skill and calculation, such as chess, are entirely absent. The Indian games of chance fall into two categories: 1, games in which implements of the nature of dice are thrown at random to determine a number or numbers, and the sum of the counts is kept by means of sticks, pebbles, etc., or upon an abacus, or counting board, or circuit; 2, games in which one or more of the players guess in which two or more places an odd or particularly marked lot is concealed, success or failure resulting in the gain or loss of counters. The games of dexterity may be enumerated as: 1, archery in various modifications; 2, a game of sliding javelins or darts upon the hard ground or ice; 3, a game of shooting at a moving target consisting of a netted wheel or a ring; 4, the game of ball in several highly specialized forms; 5, the racing games, more or less related to and complicated with the ball games. (Cullin, 1975, p. 31)².

Estes jogos tradicionais indígenas, classificados por Cullin, não se abstêm das organizações sociais de cada um dos povos que o praticam, assim, não são raras as relações que estes jogos entretêm com outros rituais, já que ambos derivam seu impulso do mito de origem que ordena socialmente cada povo indígena.

Chamamos, atualmente, de Jogos Tradicionais Indígenas o que cada povo inventou de fazer de modo bastante diversificado e dinâmico para afirmar e manter a identidade de sua vida lúdica e/ou ritual. Há uma literatura recente de exemplos inventariados por colegas antropólogos e por poucos professores de Educação Física. Como exemplos temos a corrida de

² I. Jogos de azar; II. Jogos de destreza. Jogos de pura habilidade e cálculo como os jogos de xadrez estão inteiramente ausentes. Os jogos de azar indígenas se enquadram em duas categorias: 1. Jogos nos quais instrumentos parecidos com dados são jogados aleatoriamente para determinar um número ou números, e a soma dos pontos é feita por meio de paus, pedras, etc., ou com um ábaco, tábua de contar ou circuito; 2. Jogos onde um ou mais jogadores adivinham em quais de dois ou mais lugares um grupo estranho ou especialmente marcado está escondido. O sucesso ou fracasso resulta em ganho ou perda de pontos. Os jogos de destreza podem ser enumerados como: 1. Arco e flecha com várias modificações; 2. Um jogo de deslizar flechas ou dardos sobre chão batido ou gelo; 3. Um jogo de atirar num alvo móvel consistindo de uma rede em forma de roda ou anel; 4. O jogo de bola em várias formas altamente especializadas; 5. Os jogos de corrida, mais ou menos relacionados e complicados pelos jogos de bola).

Toras (Nimuendajú, [1934] (2001); Vianna, (2002), o Joga Bunda e a Peteca Kadiwéu, a peteca Guarani (Vinha, 1999 e 2004), e etc.

Devemos lembrar que as práticas tradicionais executadas pelos indígenas contemplam uma noção integradora do universo conforme sua própria noção cosmológica e ritualística. Nesse processo há aspectos identitários: jogos miméticos e figurações não fogem a esse processo. (Rocha-Ferreira, Fassheber, 2009). Na América como um todo, López von-Vriessen (1997) apresenta estas relações entre jogos e rituais. Para ele, os funerais antigos incluem competições esportivas:

En las culturas aborígenes, como también en las llamadas “culturas superiores”, y en amplias regiones de la tierra los juegos deportivos formaban parte de sus ceremonias funerales, con las cuales el luto, la tristeza y la añoranza se unen al juego. Se partía del supuesto que al difunto le alegraría poder “estar presente” una vez más después de su fallecimiento. Los esquimales americanos interpretan la aurora boreal como juego de pelota de los difuntos. Entre los Aztecas, el campo de juego simbolizaba el mundo y la pelota a un astro, el sol o la luna. En el juego de pelota de los Mejicanos, se imita el movimiento del sol de Este a Oeste para conjurarle a la bendición de los hombres. Los juegos de pelota de las etnias de América del Norte eran rituales y de origen mítico, teniendo además del pasatiempo una magia simpática al servicio de la fecundidad. Entre ellos está el juego de lacrosse, en partidos de equipos en que la pelota es empujada por medio de una raqueta o maza de mango largo. En la raqueta la red armada de cuerdas de tripa simboliza la tela de araña que representa la madre tierra. (...) Respecto del juego de los Maya, tratándose de un juego de pelota extraordinariamente difícil en el que los jugadores deben golpear la pesada pelota de caucho solo con las caderas y elevarla y hacerla pasar por un aro en una pared. (1997, s/p)

Estas características fazem parte de todas as atividades culturais inclusive dos jogos tradicionais, das brincadeiras, das danças e até das atividades esportivas contemporânea praticadas nas aldeias. Segundo o verbete que elaboramos para o Atlas do Esporte no Brasil (2005),

Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os

valores culturais e, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances [sorte]. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. [...] (Rocha-Ferreira et al., 2005, p. 33).

Chan (1969), os relatou entre os índios do antigo México, os jogos aproximavam povos, regulavam as relações sociais e por isso dava significado ao treinamento físico daqueles jogadores, que por sua vez eram encarregados de procedimentos rituais tais como a decapitação e outros sacrifícios humanos.

Cullin (1975) também elencou outras intenções rituais dos jogos tradicionais indígenas, analisando-os do ponto de vista divinatório:

In general, appear to be played ceremonially, as pleasing to the gods, with the object of securing fertility, causing rain, giving and prolonging life, expelling demons, or curing sickness. [...] the divinatory origin of games [...] might be regarded as an experiment in which the dramatization of war, the chase, agriculture, the magical rites that secured success over the enemy, the reproduction of animals and the fertilization of corn, is performed in order to discover the probable outcome of human effort, representing a desire to secure guidance of the natural powers by which humanity was assumed to be dominate. (Cullin, 1975, p. 31).³

3 Em geral parecem ser jogos cerimoniais para agradar os deuses, com o propósito de garantir a fertilidade, provocar chuva, dar e prolongar a vida, expelir demônios, ou curar doenças. [...] a origem divinatória dos jogos [...] deve ser vista como um experimento onde é representada a dramatização da guerra, a caça, a agricultura, os ritos mágicos que

Mas havia intenções meramente pragmáticas entre estes jogos tradicionais e atividades físicas indígenas. De acordo com Nabokov (1981), os Incas pré-colombianos construíram uma imensa e engenhada estrada por sobre a espinha da Cordilheira dos Andes, onde se posicionavam diversos corredores ao longo de sua extensão e cujas artérias faziam comunicar, pela corrida, todos os povos das terras altas e baixas da América do Sul em relação à capital incaica.

Considerações finais: Etno-esporte/ Etno-desporto, veredas e consolidação do Campo

Já ressaltamos em outra ocasião que em relação ao Etno-Desporto indígena é preciso, diferenciar as tradições ancestrais das “inventadas” – como aquelas incorporadas no contato entre as etnias indígenas e aquelas introduzidas pela sociedade Fóg. Hoje, vale uma ressalva sobre aquela colocação (Fasseber, 2010): a noção de “tradição inventada” também se estende para a noção de tradições ancestrais, - ambas são construções sociais repletas de significados. Os rearranjos pelos quais as tradições são consequências lógicas dos “sentidos” que lhes são atribuídos no tempo. Isso também é válido quando falamos da memória e de seus trabalhos.

O contar e até mesmo o ouvir contar não fogem a essas construções. Não sejamos ingênuos: até mesmo o modo como o Etno-esporte é visibilizado não está imune a projetos políticos e sociais. Demonstramos essa questão quando analisamos a apropriação do Zicunatípor parte do projeto de Brasil- nação no início do século XX e a forma como foi

asseguram a vitória sobre o inimigo, a reprodução de animais e a fertilização do milho, com o objetivo de descobrir o provável resultado do esforço humano, representando um desejo de assegurar o controle das forças naturais pelas quais a humanidade supõe-se dominadas.

espetacularizado pelos principais jornais da época. (Fassheber, Freitag, 2016).

Seria de profundo interesse também para as futuras pesquisas se pudéssemos verificar, após alguns anos e a partir do entendimento que as culturas são dinâmicas, os efeitos desta mimesis, não só entre os novos praticantes em suas TIs, como também em suas próximas participações em tais Jogos Indígenas por meio da experiência do contar a experiência do Etno-desporto indígena.

Quanto a aventura de criação desse vasto campo que vem se tornando Etno-Desporto, há uma diversidade de jogos praticados pelos ameríndios - ainda não mensurada por nós, pesquisadores, mas sobretudo que merece eco pela voz de seus praticantes, os indígenas. Ainda que cientistas sociais os tenham negligenciado por muito tempo as descrições das práticas de jogos tradicionais, principalmente no Brasil, nossos recentes estudos se mostram férteis para a compreensão de nosso campo.

Cabe destacar o notório diálogo que está sendo travado em torno do Etnoesporteno mundo. Os estudos sobre as práticas etnoesportivas ameríndias alcançaram as literaturas sociais ao longo das décadas de 1960 a 1980 com Chan 1967, Cullin, 1975, Nobokov, 1981.

No Brasil houve poucos exemplos, como o futebol-de-cabeça Paresi (Zikunati) anotado por Rondon em 1906 (Fassheber, Freitag, 2016) e a corrida de toras Timbira que ganhou foco nos trabalhos de Nimuendaju, (1946) e Melatti, (1970), entre os Kraô. Ainda sobre as toras [e as bolas], o trabalho de Vianna (2001) entre os Xavante inaugura a produção brasileira do século XXI. Termo sugerido por Toledo em 2001, o conceito de Etnodesporto indígena é sistematizado por Fassheber em 2006 sobre as práticas silenciados do Kanjire e do Futebol atual dos Kaingang.

Em 2012, Kylasov sistematiza e difunde o termo *Ethnosport* na Europa a partir de suas etnografias na rota da seda. Nas literaturas, são notórios os processos de mimesis dos jogos tradicionais e as suas lutas para persistirem

como práticas identitárias. A partir do século XXI, diversas associações de jogos tradicionais, ou Traditional Sports and games (TSG) e Ethnosports são organizadas por regiões, países e continentes e recebem diferentes reconhecimentos e institucionalizações como “questão global” (Lavega, 2021). Essas expansivas e dialógicas associações se classificam em promotoras de apresentações de TSG, em experiências pedagógicas e em estudos científicos dos etno-esportes.

Será necessário que a ciência siga no encaixo para compreender que a ‘nossa’ visão sobre o corpo, o uso técnico do corpo e dos esportes, o lugar e a construção deles na sociedade é somente um aspecto para a compreensão desse geometral: não indica, portanto, a disposição, a forma e as dimensões exatas de nosso objeto apreciado, - o Etno-desporto, i. e há nele, diferentes espectros que merecem ser desvelados.

Mais do que o Etno-Desporto expressar o processo de ressignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos: a criação - pelamimesis - de uma segunda natureza, - essa última, longe de se distanciar da cultura, é parte constitutiva dela.

Para encerrar, vale a pena recuperar as primeiras linhas do livro publicado em 2010, texto nascido da tese em 2007, - duas pesquisas que forjaram esse instigante e importante conceito - o Etno-desporto. Hoje, um nome próprio, visto e reconhecido como um Campo Científico em pleno movimento, expansão e construção de significados.

Mas por que esses homens precisam atacar?

Por que os homens se perturbam diante desse espetáculo?

Por que se envolvem de corpo e alma?

Por que esse combate inútil?

O que é o esporte?

O que os homens depositam no esporte?

A si mesmos, seus universos de homens.

O esporte foi feito para dizer o contrato humano.

Roland Barthes,

Le Sport et les Hommes (2004).

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CHAN, Piña et al. *Games and sport in old Mexico. (No Title)*, 1969.

CULLIN, S. *Games of the North America Indians*. New York. Dover Publications Inc., 1975.

DURKHEIM, Émilie. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: MartinsFontes, 1996.

FASSHEBER & FERREIRA. *The ethnofootball of the Brazilian indigenous women*. In: Jorge Knijnik; Ana Costa. (Org.) *Women? s Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives*. 1ed. New York: Springer Nature - Palgrave Macmillan, 2022, v. 1, p. 285-303.

FASSHEBER & FREITAG. Xikunahaty. In: FERREIRA e VINHA. (Orgs.). *Celebrando os Jogos, a memória e a Identidade*. 1ed. Dourados: UFGD, 2015.

FASSHEBER & FREITAG. *O Zicunatí: representação do Brasil Nação no início do século XX*. ATHLOS. Revista Internacional de Ciências Sociais de la Actividad Física, el Juego y el deporte, v. X, p. 75-90, 2016.

FASSHEBER, FREITAG, FERREIRA. *Jogos dos Povos Indígenas: um lugar de negociações sociais*. In: Beleni Salete Grando; Luiz Augusto Passos.

(Orgs.). *O Eu e o Outro na Escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang*. 2006. 170 f. Tese (doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno - desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang*. Brasília: Ministério do Esporte, 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etnodesporto, a guerra dos guerreiros*. In: Universidad Nacional de Cordoba. (Org.). X Reunión de Antropología del Mercosur. 1ed.Córdoba: Ed. UnC, 13.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Juegos Indigenas: figuraciones y mimesis en Norbert Elias*. In: Kaplan, Carina & Orce, Victoria. (Org.). Poder, Prácticas Sociales y proceso civilizador: los usos de Norbert Elias. Buenos Aires: NOVEDUC, 2009.

GEERTZ, Cliford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HOBBSBAWN, E. & Ranger, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Inc., 1975.

KOSELLECK, Reinhart. 'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC - Rio, 2006.

LÉVI - STRAUS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1997.

KYLASOV, Alexey. *Ethnosport — cultural heritage/Youth - Culture - Politics: historical memory and civilization choice: VIII Commemorative Alexander Panarin Readings (2010): Collection of articles/Ed. V. Rastorguev-Moscow: Moscow State University, MAKs Press (in Russian). 2012.*

LÓPEZ von VRIESSEN, C. *La etnologia del juego aborígen en Chile. Uma proposta como nueva disciplina de la Ciência de la Atividade Física*

para Latinoamérica. Em coletânea. In: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió: Universidade Federal do Alagoas, 1997. Disponível em: <https://deportesmapuches.cl/publicaciones.htm>, acessado em; 27 janeiro 2024.

MELATTI, Julio Cesar. O sistema social Craô. *Série Antropológica*, 1970

NABOKOV, P. *Indian running*. Santa Barbara: Capra Press, 1981.

NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras dos Timbira. *Revista MANA*. v.7. n.2. Rio de Janeiro: Contracapa, out., 2001.

RENSON, R. & van Mele, V. *Traditional games in South America*. Schorndorf: Hofmann, 1992.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz & FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. Jogos Indígenas: figuraciones y mimesis em Norbert Elias. In: KAPLAN, K. & ORCE, V. *Poder, prácticas sociales y proceso civilizador: los usos de Norbert Elias*. Buenos Aires: NOVEDUC, 2009.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz et al. Jogos Tradicionais Indígenas. In: COSTA, L. P.(org.) *Atlas do Desenvolvimento do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005. (edição bilíngue).

TAUSSING, M. *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. New York, London: Routledge, 1993. Terra, 1984.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)*, 200, *Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (52).

VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. *A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios xavantes*. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

VINHA, Marina. *Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte*. Campinas: EF/UNICAMP, 2004. Tese de Doutorado.

VINHA, Marina. *Memórias do guerreiro, sonho de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu*. Campinas: FEF/UNICAMP, 1999. Dissertação de Mestrado.

VINHA, Marina. *Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte*. Campinas: FEF/UNICAMP, 2004. Tese de Doutorado.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4ªed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2012.

José Ronaldo Mendonça Fassheber

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG (1993), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina/SC (1998) e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas/SP (2006), com o tema: Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang, que foi contemplada com o 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social publicado em (2010) e com o Prêmio de Melhor Ensaio Nacional: Pensando as Políticas Públicas, na mesma ação do Ministério do Esporte. Antropólogo filiado à Associação Brasileira de Antropologia, Professor Associado do Colegiado de História e do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais, na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus Paranaguá.

In memoriam

Liliane da Costa Freitag

Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1991), mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1997) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Atualmente é professora Associada da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: região, identidade, memórias, migrações, territorialidades e patrimônio documental.

E-mail: liliane.freitag@unespar.edu.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2488270747860832>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3760-3705>

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.